

“Retrato de Vieira”

Óleo s/ tela – 120x120 cms. - 2008

Vieira o insigne pregador, trazia as consciências para a Luz, pela força do Verbo. Falando da parte do Gólgota oriental dirigia a palavra, simultaneamente, ao Ocidente, ao Norte e ao Sul.

“O V Império”

Óleo s/ tela – 128x235 cms. - 2008

Segundo a profética de Vieira, o Império de Cristo na Terra teria por fundamento a comunicação entre os povos e o veículo para essa comunhão seria o Mar. Os dois mundos – o da civilização europeia e o mundo a civilizar e converter à fé do Salvador – estavam ligados entre si pelo dédalo dos mapas marítimos, das correntes e dos ventos, de que Portugal descobriu a chave do bom percurso. As águas marítimas que banhavam Belém eram as mesmas que afluíam às praias americanas, africanas e asiáticas e o elemento líquido constituía a rede que tudo ligava e unificava. A unir esses dois mundos, implantado entre eles, o V Império seria a imagem do Filho de Deus, a governar o Céu, o Mar e a Terra, a velar pela paz e pela justiça, os dois aspectos de uma mesma realidade.

“O V Império nas Quatro Idades Clássicas”

Óleo s/ tela – 120x120 cms. - 2008

O colosso Sonhado por Nabucodonosor e revelado por Daniel - Daniel 2 - cuja cabeça era de ouro, o peito e os braços de prata, o ventre e as coxas de cobre e os pés de ferro e barro, constitui uma alusão muito clara à doutrina clássica das Quatro Idades. Mesmo quando o texto bíblico assimila a sucessão de cada um dos quatro metais – mais o barro - à sucessão histórica de impérios da antiguidade, não faz mais que aplicar o geral daquela doutrina ao particular dos eventos da história. No fundo, as Quatro Idades do mundo correspondem a fases sequenciais e distintas de um processo de degradação progressiva da realidade. O impulso original de um princípio, gerador de um ciclo da Criação, vai perdendo sucessivamente qualidade, até ao momento em que todos os valores qualitativos soçobram, avassalados pela expressão quantitativa das coisas que é o verdadeiro signo da matéria.

Ao Ouro primordial, em que o Mundo “está” face a face com o princípio espiritual, de um modo directo solar e viril, segue-se a Idade da Prata, em que essa relação já não é directa, sobrevivendo todavia pela mediação do sacerdócio feminino e lunar. A Idade do Bronze corresponde à luta titânica entre as modalidades viris e feminis de espiritualidade, ou contra espiritualidade, expressando-se pela monstruosidade ou pela inversão: os híbridos homem – animal (centauros) ou a virilidade guerreira feminina (amazonismo). A Idade do Ferro caracteriza-se pela grande confusão – Torre de Babel – pelo primado da matéria e pelo grande obscurecimento face à ausência do espírito.

O advento do V Império não poderia restaurar a Idade do Ouro porque, o tempo nega sempre a restauração do passado. No entanto, tal advento corresponderia a uma nova idade áurea, por substituição. Esta nova Idade, seria central, relativamente às quatro anteriores, ligada a todas elas pela determinação dos mitos e sucessos, inscritos no tempo e na consciência.

“Conversão das Tribos Perdidas”

Óleo s/ tela – 97x130 cms. - 2008

Nas explicações que teve que dar à Inquisição, Vieira refere-se à profecia de Bandarra, acerca do futuro Rei universal, identificado por si como o Imperador do V Império. Considera ainda que aquela profecia atribui a esse augusto Monarca sete feitos principais, sendo o sexto: “Que introduzirá ao pontífice e à fé os dez tribos de Israel prodigiosamente aparecidos.”

Padre António Vieira – in Defesa do livro intitulado Quinto Império.

“Alcácer Quibir”

Óleo s/ tela – 120x120 cms. - 2008

A última cruzada “medieval” aconteceu nos finais do século XVI e levou, contra o Islão norte-africano, o Rei português e a fina-flor da sua aristocracia guerreira.

A empresa saldou-se por um grande desastre militar em que o Rei se perdeu no furor da batalha ou na humilhação da derrota.

Como consequência, perdeu-se também a soberania portuguesa a favor do segundo Filipe de Espanha. A magnitude destes acontecimentos constituiu o maior trauma sofrido pela egrégora portuguesa.

Para Vieira, a queda da Pátria reproduziu microcosmicamente a Queda adâmica. A redenção só seria concebível universalizando o particular, de modo que a redenção de Portugal fosse a redenção do Mundo, no âmbito da profética do V Império.

“O regresso de D. Sebastião”

Óleo s/ tela – 120x120 cms. - 2008

“É assunto deste discurso uma prova, e uma defesa; o provar a vinda de um vivo reputado por morto: Quem homines reputabunt tamquam mortuum e o defender uma probabilidade estimada por ignorância: Et stulti irridebunt prudentibus.”

Provar a vinda do sereníssimo Rei D. Sebastião o qual se conserva vivo, apesar dos que o querem morto: Quem conservat Altissimus; e defender o direito dos sebastianistas, que sendo poucos, e tidos em pouca conta, se insetam da conta dos muitos que diz Salomão:

Stultorum infinitus est numerus”

Padre António Vieira – in Discurso em que se prova a vinda do Senhor Rei D. Sebastião.

“Os Reis Magos do Oriente e do Ocidente”

Óleo s/ tela – 81x162 cms. - 2008

“S. Bernardo”,”arguiu com seu grande engenho que, assim como houve três reis do Oriente que levaram as gentilidades a Cristo, assim havia de haver outros três reis do Ocidente que as trouxessem à mesma fé””esses felicíssimos reis foram el-rei D. João, o Segundo, el-rei D. Manuel, e el-rei D. João, o Terceiro, porque o primeiro começou, o segundo prosseguiu, e o terceiro aperfeiçoou o descobrimento das nossas

conquistas, e todos trouxeram ao conhecimento de Cristo aquelas novas gentilidades, como os três Magos as antigas.”

Padre António Vieira – in Sermão da Epifania.

“O Naufrágio”

Óleo s/ tela - 130x97 cms. - 2008

O naufrágio constituiu um drama recorrente da navegação portuguesa no período das descobertas e, mais tarde, nas rotas comerciais para o Oriente e para a América.

A história Trágico Marítima tornou-se um dos temas fundamentais do imaginário luso associado à gesta marítima, forma de tributo a pagar ao Mar por quem ousava enfrentar os abismos de água, a força dos ventos e os rochedos insidiosos. No naufrágio perdiam-se não só vidas e haveres, mas eram os próprios sonhos e a glória que acabavam, arrojados a praias ignotas.

“Senhora do Ó”

Óleo s/ tela – 120x120 cms. - 2007

“A figura mais perfeita e mais capaz de quantas inventou a natureza e conhece a geometria é o círculo”....

....” e até o mesmo Deus, se sendo espírito pudera ter figura, não havia de ser outra senão a circular. O certo é que as obras sempre se parecem com o seu autor; e fechando Deus todas as suas dentro de um círculo, não seria esta ideia natural, se não parecida à sua natureza.” ... “Estes são os dois maiores círculos que até o dia da Encarnação do verbo se conheceram; mas hoje nos descreve o Evangelho outro círculo, em seu modo maior. O primeiro círculo que é o mundo, contém dentro de si todas as coisas criadas; o segundo, incriado e infinito, que é Deus, contém dentro em si o mundo; e este terceiro, que hoje nos revela a fé, contém dentro de si ao mesmo Deus.”

Padre António Vieira – in Sermão de Nossa Senhora do Ó.

“Vigília de St^o Teresa D’Ávila”

Óleo s/ tela – 130x97 cms. – 2008

Relacionando St^a. Teresa D’Ávila com a Parábola das Dez Virgens (Mateus, 25), Vieira escreveu: “A primeira coisa que as virgens prudentes, comparadas com Santa Teresa, foram néscias, é que as virgens prudentes dormiam quando tinham obrigação de vigiar, e Santa Teresa vigiou quando tinha segurança para dormir.”

Padre António Vieira – in Sermão de Santa Teresa.